

Prólogo

A madrugada no campo não apresentava nada fora do comum. Grilos e cigarras chiavam nas proximidades do galpão, guaxinins se espremiavam por baixo das tábuas do galinheiro em busca de ovos e latidos de cães ecoavam ao longe, vindos de alguma propriedade vizinha.

Era fevereiro, poucos dias antes do fim do mês e o jornalista Cláudio Vogel estava com as mãos atrás da cabeça fitando o teto do quarto em sua chácara no interior do oeste catarinense. Havia uma aranha pendurada na teia em torno da luminária, mas ele não deu atenção. Fazia algum tempo que decidira que a casa precisava de reformas, mas não estava disposto a perder tempo antes de ter certeza que seu plano daria certo. Imaginou-se dando o fora daquele lugar, se mudando para alguma cidade perto da praia ou para algum país no norte da Europa onde ninguém o encontraria.

Sentiu um leve desconforto, como se a aranha tivesse entrado pela boca tecendo teias em seu estômago. Pensar naquela história fazia com que essas coisas acontecessem. Sempre foi da opinião de que o segredo para lidar com a morte consistia em manter distância, não dando chance para que ela bafejasse seu rosto.

Mudou de posição na cama.

Mal conseguia se lembrar da última vez que teve uma noite inteira de sono. Dormia alguns minutos, mas logo despertava. E o ciclo se repetia numa agonia sem fim. Como um pássaro preso na gaiola, ou um peixe nadando em círculos no aquário minúsculo.

Quando ouviu o barulho do telefone no andar de baixo, estendeu o braço sobre o criado-mudo e conferiu a hora no aparelho celular. *02h57*. Quem quer que estivesse ligando não tinha seu contato particular. Talvez aquilo fosse um bom sinal. Bocejou. O quarto estava escuro, iluminado apenas pelo display do climatizador que soprava ar fresco balançando as cortinas.

— Cláudio?! — Sua esposa se virou.

Ele fingiu que dormia.

— Eu te avisei que o telefone do quarto estava mudo desde ontem — ela ralhou. — Agora vai ter que descer pra atender.

— Porra, são três da manhã. Deve ser o mesmo maluco que ligou enganado na semana passada — ele se esquivou.

— Vai logo. — Ela empurrou. — E traz água quando voltar.

Irritado pelo toque estridente, Cláudio levantou passando as mãos pelos fiapos de barba no queixo enquanto se acostumava com a nova posição. Sentiu uma fisgada de dor nas costas. Sem pressa, se arrastou para fora do quarto e desceu as escadas agarrado ao corrimão. Sentiu a sensação de grãos de areia nos olhos quando avistou a claridade da televisão ligada na sala.

Interrompeu o passo.

Lembrava-se de ter desligado.

No tempo em que ficou encarando o filme que aparecia na tela, o telefone parou de tocar, fazendo o silêncio tombar sobre o ambiente. Ouviam-se apenas grilos no gramado lá de fora.

Atentando os olhos castanhos, investigou os arredores. Conferiu a sala de estar e foi para a cozinha. A porta dos fundos estava fechada, mas ele conferiu a tranca. Contornou a mesa de madeira e chegou perto da janela para observar o pátio e o galpão da ordenha. O brilho da lua crescente refletia no gramado esverdeado. Chegou a pensar em buscar o revólver na gaveta de cuecas do guarda-roupa, mas rejeitou a hipótese quando não encontrou nada fora do comum. Aproximou-se do sofá, pegou o controle remoto enfiado no canto e desligou o televisor.

Estava com o pé esquerdo no primeiro degrau, pronto para voltar ao quarto, quando o telefone ribombou outra vez.

— Filho da mãe — praguejou com a mão no peito, sentindo o coração saltar pela boca. — Quase me matou.

Atendeu.

— Alô.

— Puta que o pariu, cara — a voz de Miguel soou afobada. — Estou tentando falar contigo faz meia hora. Por que não atende o celular?

— Por que é madrugada? — Cláudio ironizou, recordando não ter visto chamadas perdidas quando olhou o horário no aparelho. — E você sabe que não pega direito aqui no meio do mato.

Um suspiro de alívio veio do outro lado da linha.

— Pelo menos está bem.

— Me acordou pra saber se estou bem?

— Não é isso — o timbre de Miguel parecia engasgado, como se relutante em continuar. — Vou te fazer uma pergunta estranha.

Cláudio puxou o fio e se recostou no sofá.

— Quero saber que roupa está vestindo — Miguel emendou.

— Ah, mas vá tomar no cu! — exclamou. — Estou há sei lá quanto tempo sem dormir, e me liga pra saber o que estou vestindo?

O telefone silenciou. Era possível ouvir a respiração de Miguel.

— Cara, é sério! Só responde.

Cachorros começaram a latir na lavoura atrás da casa.

— Pijama — Cláudio respondeu, pressionando o telefone na orelha para ouvir melhor. — Estou de pijama.

— Calção escuro com camiseta branca?

Cláudio olhou para baixo para ter certeza. Não acreditava que estava conversando sobre a cor de seu pijama às três da manhã.

— É.

— Merda! Merda! — a afobação de Miguel estava de volta. — Escuta. Alguém me mandou um vídeo com o teu celular. Uma gravação de uns quinze segundos mostrando você e a Cris na cama.

Cláudio sentiu os pelos do braço ouriçando. Fez força para engolir uma porção de saliva que insistiu em não descer. Foi impossível não trocar olhares entre a televisão e o controle remoto.

— Que horas recebeu? — Virou para a janela quando os latidos ficaram mais intensos. A sensação de que lhe observavam dominou.

— Foi agora pouco — Miguel respondeu. — Te enviei o arquivo.

Um som de passos foi ouvido no andar de cima.

— Cara, liga pra polícia. — Cláudio olhou para a escadaria. — Pedra pra virem pra cá depressa. Tem alguém dentro da casa.